

VIII

O MARTÍRIO EM JERUSALÉM

Obedecendo as recomendações de Tiago, Paulo de Tarso hospedou-se em casa de Mnason, antes de qualquer entendimento com a Igreja. O Apóstolo galileu prometeu visita-lo na mesma noite.

Presentindo acontecimentos de importancia naquela fase de sua existencia, o ex-rabino aproveitou o dia traçando planos de trabalho para os discipulos mais diretos.

A' noite, quando espesso manto de sombras envolvia a cidade, Tiago appareceu, cumprimentando o companheiro em attitude muito humilde. Tambem ele estava envelhecido, exausto, doente. O convertido de Damasco, ao contrario de outras vezes, experimentou extrema simpatia pela sua pessoa, que parecia inteiramente modificada pelos reveses e tribulações da vida.

Trocadas as primeiras impressões relativamente ás viagens e feitos evangélicos, o companheiro de Simão Pedro pediu ao ex-rabino lhe marcasse lugar e hora em que pudessem falar mais intimamente.

Paulo atendeu de pronto, seguindo ambos para um aposento particular.

O filho de Alfeu começou explicando o motivo de suas graves apreensões. Havia mais de um ano que os rabinos Eliakim e Enoch deliberaram reviver os processos de perseguição iniciados por ele, Paulo, quando da sua movimentada gestão no Sinhedrio. Alegaram

que o antigo doutor incidira nos sortilégios e feitiçarias da espúria grei, comprometendo a causa do judaismo e não era justo continuar tolerando a situação, tão somente porque o doutor tarsense perdera a razão, no caminho de Damasco. A iniciativa ganhara enorme popularidade nos círculos religiosos de Jerusalém e o maior instituto legislativo da raça — o Sinhedrio, aprovou as medidas propostas. Reconhecendo que a obra evangelizadora de Paulo produzia maravilhosos frutos de esperança em toda a parte, conforme as noticias incessantes, de todas as sinagogas das regiões por ele percorridas, o grande tribunal começou por decretar a prisão do apóstolo dos gentios. Numerosos processos de perseguição individual deixados a meio por Paulo de Tarso, quando de sua inesperada conversão, foram restaurados e, o que era mais grave — quando falecidos os réus, era a pena applicada aos descendentes, torturados, humilhados, deshonrados!

O ex-rabino tudo ouvia calado, estupefato.

Tiago prosseguia esclarecendo que tudo fizera por atenuar os rigores da situação. Mobilizara influencias politicas ao seu alcance, conseguindo atenuar umas tantas sentenças mais iniquas. Não obstante o banimento de Pedro, procurou manter os serviços de assistencia aos desvalidos, bem como a colonia de serviço, fundada por inspiração do convertido de Damasco e na qual os convalescentes e desamparados encontravam precioso ambiente de atividade remunerada e pacifica. Depois de varios entendimentos com o Sinhedrio, por intermédio de amigos influentes no judaismo, teve a satisfação de abrandar o rigor das exigencias a serem applicadas no caso dele Paulo. O ex-doutor de Tarso ficaria com liberdade de agir, poderia continuar propugnando suas convicções intimas; daria, porem, uma satisfação pública aos preconceitos de raça, atendendo aos quesitos que o Sinhedrio lhe apresentaria por intermédio de Tiago, que se mostrava seu amigo. O companheiro de Simão Pedro explicava que as exigencias eram muito rigorosas a principio, mas agora, mercê de enormes esforços, cingiam-se a uma obrigação de somenos.

Paulo de Tarso escutava-o extremamente sensibilizado. Dono de luminoso cabeçal evangélico, entendia chegado o momento de testemunhar seu devotamento ao Mestre, justo através do mesmo órgão de perseguição que a sua ignorância engendrara em outros tempos. Naqueles minutos rápidos, sutilizou a mnemônica e lobrigou os quadros terríveis de outrora... Velhos torturados em sua presença, para sentir o prazer da apostasia cristã, com a repetição do voto de fidelidade eterna a Moisés; mães de família arrancadas de seus lares obscuros, obrigados a jurar pela antiga Lei, que renegavam o carpinteiro de Nazaré, abominando a cruz do seu martírio e ignominia. Os soluços daquelas mulheres humildes, que abjuravam da fe porque se viam feridas no que possuíam de mais nobre, o instinto maternal, chegavam, agora, a seus ouvidos como brados de angústia, clamando resgates dolorosos... Todas as cenas antigas desdobravam-lhe na retina espiritual, sem omissão do mais insignificante detalhe. Moços robustos, arrimos de famílias numerosas, que saíam mutilados do cárcere; jovens que pediam vingança, crianças que reclamavam os pais encarcerados. Entestando as revocações encapeladas, passou o quadro da morte horrível de Estevam com as pedradas e insultos do povo; reviu Pedro e João abatidos e humildes, á barra do tribunal, como se fôssem malfeitores e criminosos. Agora, ali estava ele perante o filho de Alfeu, que nunca o compreendera de fôrma integral, a falar-lhe em nome do passado e em nome do Cristo, como a concita-lo ao resgate de suas derradeiras dividas angustiosas.

Paulo de Tarso sentiu que uma lágrima lhe apon-tava nos olhos, sem chegar a cair. Que especie de tortura lhe estaria reservada? Quais as determinações da autoridade religiosa a que Tiago se referia com evidente interesse?

Quando o companheiro de Simão fez uma pausa mais longa, o ex-rabino perguntou muito comovido:

— Que pretendem eles de mim?

O filho de Alfeu fixou nele os olhos serenos e explicou:

— Depois de muito relutarem, os israelitas congregados em nossa igreja vão pedir-te, apenas, que pagues as despesas de quatro homens pobres, que fizeram voto de nazireu, comparecendo com eles no templo, durante sete dias consecutivos, para que todo o povo possa ver que continuas bom judeu e lealdoso filho de Abraão... A' primeira vista, a demonstração poderá parecer pueril; entretanto, colima, como vês, satisfazer a vaidade farisaica.

O ex-rabino fez um gesto muito seu quando contrariado, e replicou:

— Pensei que o Sinhédrio ia exigir minha morte!..

Tiago compreendeu quanto de repugnancia transbordava de semelhante observação e objetou:

— Bem sei que isso te repugna e contudo, insisto para que acedas, não por nós, propriamente, mas pela igreja e pelos que de futuro nos hajam de secundar.

— Isso — obtemperou Paulo com enorme desencanto — não representa nobreza alguma. Essa exigencia é uma ironia profunda e visa reduzir-nos a crianças, de tão fútil que é. Não é perseguição, é humilhação; é o desejo de exhibir homens concientes como se fôssem meninos volúveis e ignorantes...

Tiago, porém, tomando uma attitude carinhosa que o ex-rabino jamais lhe surpreendera em quaisquer circunstancias da vida, falou com extrema ternura fraternal, revelando-se ao companheiro surpreendido, por outro prisma:

— Sim, Paulo, compreendo tua justa aversão. O Sinhédrio, com isso, pretende achincalhar nossas convicções. Sei que a tortura na praça pública te doeria menos; entretanto, supões que isso não represente, para mim, uma dor de muitos anos?... Acreditarias, acaso, que minhas attitudes nascessem de um fanatismo inconciente e criminoso? Compreendi, muito cedo, desde a primeira perseguição, que a tarefa de harmonização da igreja, com os judeus, estava mais particularmente em minhas mãos. Como sabes, o farisaismo sempre viveu numa exuberante ostentação de hipocrisia; mas, convenhamos, tambem, que é o partido dominante, tradicio-

nal, das nossas autoridades religiosas. Desde o primeiro dia, tenho sido obrigado a caminhar com os fariseus muitas milhas, por conseguir alguma cousa na manutenção da igreja do Cristo. Fingimento? Não julgues tal. Muitas vezes o Mestre nos ensinou, na Galiléia, que o melhor testemunho está em morrer devagarinho, diariamente, pela vitória da sua causa; por isso mesmo, afiançava que Deus não deseja a morte do pecador, porque é na extinção de nossos caprichos de cada dia que encontramos a escada luminosa para ascender ao seu infinito amor. A atenção que tenho dedicado aos judeus é gêmea do carinho que consagra aos gentios. A cada um de nós confiou Jesus uma tarefa diferente na forma, mas identica no fundo. Se muitas vezes tenho provocado falsas interpretações das minhas atitudes, tudo isso é mágua para meu Espírito habituado á simplicidade do ambiente galileu. De que nos valeria o conflito destruidor, quando temos grandiosos deveres a cuidar? Importa-nos saber morrer, para que nossas idéias se transmitam e floream nos outros. As lutas pessoais, ao contrário, estiolam as melhores esperanças. Criar separações e proclamar seus prejuizos, dentro da igreja do Cristo, não seria exterminarmos a planta sagrada do Evangelho por nossas próprias mãos?

A palavra de Tiago toava imantada de bondade e sabedoria e valia por consoladora revelação. Os galileus eram muito mais sábios que qualquer dos rabinos mais cultos de Jerusalém. Ele, que chegara ao mundo religioso através de escolas famosas, que tivera sempre, na mocidade, a inspiração de um Gamaliél, admirava agora aqueles homens aparentemente rústicos, vindos das choupanas de pesca e em Jerusalém alcançavam inesquecíveis vitórias intellectuais, somente porque sabiam calar quando oportuno, aliando á experiencia da vida uma enorme expressão de bondade e renúncia, á feição do Divino Mestre.

O convertido de Damasco entreviu o filho de Alfeu por um novo prisma. Seus cabelos grisalhos, o rugoso e macilento rosto, falavam de trabalhos árduos e incessantes. Agora, percebia que a vida exige mais compreensão

que conhecimento. Presumia conhecer o apóstolo galileu com o seu cabedal psicológico, e no entanto chegava á conclusão de que apenas naquele instante pudera compreende-lo no tributo que lhe competia.

Quando o companheiro de Simão Pedro fez uma pausa mais longa, Paulo de Tarso contemplou-o com imensa simpatia e falou comovidamente:

— Vejo que tens razão, mas a exigencia requer dinheiro. Quanto terei de pagar pela sentença? Segregado e distante do judaismo ha muitos anos, ignoro se os cerimoniaes sofreram alterações apreciaveis.

— Os preceitos são os mesmos — respondeu Tiago — já que serás obrigado a te purificares com eles e segundo as tradições, custearás a compra de quinze ovelhas, além dos comestiveis preceituais.

— E' um absurdo! — objectou o Apóstolo dos gentios.

— Como sabes, a autoridade religiosa exige de cada nazireu três animais para os serviços da consagração.

— Dura exigencia — disse Paulo comovido.

— No entanto — replicou Tiago com um sorriso — nossa paz vale muito mais que isso e, além dela, somos obrigados a não comprometer o futuro do Cristianismo.

O convertido de Damasco descansou o rosto na mão direita por longo tempo, dando a perceber a amplitude de suas meditações, e acabou falando em diapensão que traia a sua enorme sensibilidade:

— Tiago, como tu mesmo, atingi hoje um nivel mais alto de compreensão da vida. Entendo melhor os teus argumentos. A existencia humana é bem uma ascensão das trevas para a luz. A juventude, a presunção de autoridade, a centralização de nossa esfera pessoal, acarretam muitas illusões, laivando de sombras as cousas mais santas. Assiste-me o dever de curvar-me ás exigencias do judaismo, consequentes de uma perseguição por mim proprio iniciada em outros tempos.

Deteve-se, evidenciando dificuldade para confessar-se plenamente. Mas tomando uma atitude mais humilde, como quem não encontra outro recurso, prosseguiu quasi tímido:

— Nas minhas lutas, nunca me presumi vítima, considerando-me sempre como antagonista do mal. Só Jesus, em sua pureza e amor immaculados, podia alegar a condição de anjo vitimado por nossa maldade sombria; quanto a mim, por mais que me apedrejassem e ferissem, sempre julguei que era muito pouco em relação ao que me competia sofrer nos justos testemunhos. Agora, porém, Tiago, estou preocupado com um pequenino obstáculo. Como não ignoras, tenho vivido absolutamente do meu trabalho de tecelão e, presentemente, não disponho de dinheiro com que possa prover às despesas em perspectiva... Seria a primeira vez que houvesse de recorrer á bolsa alheia, quando a solução do assunto depende exclusivamente de mim...

Suas palavras demonstravam acanhamento, aliado á tristeza comumente experimentada nos dias de humilhação e de infortunio. Ante aquela expressão de renúncia, Tiago, num movimento de grande espontaneidade, tomou-lhe a mão e beijou-a murmurando:

— Não te aflijas: sabemos em Jerusalém da extensão de teus esforços pessoais e não seria razoavel que a igreja se desinteressasse dessas imposições que se não justificam. Nossa instituição pagará todas as despesas. Não é pouco concordarmos com o sacrificio.

Conversaram ainda longo tempo, com relação aos problemas interessantes á propaganda evangelica e, no dia seguinte, Paulo e os companheiros compareceram na igreja de Jerusalém, recebidos por Tiago acompanhado de todos os anciãos judeus, simpatizantes do Cristo e seguidores de Moisés, congregados para ouvi-lo.

A reunião começou com rigoroso cerimonial, percebendo o ex-rabino a extensão das influencias farisáicas no instituto que se destinava a sementeira luminosa do Divino Mestre. Seus companheiros, acostumados á independencia do Evangelho, não conseguiam ocultar a surpresa; mas, com um gesto, o convertido de Damasco fez com que todos permanecessem silenciosos.

Convidado a explicar-se, o ex-rabino leu um longo relatório de suas atividades junto dos gentios, havendo-se com muita ponderação e inexcedivel prudencia.

Os judeus, contudo, que pareciam definitivamente instalados na igreja, mantendo as velhas atitudes dos mestres de Israel, pelo seu vogal Cainan, formularam ao ex-doutor conselhos e censuras. Alegaram que também eram cristãos, mas, rigorosos observadores da Lei antiga; que Paulo não deveria trabalhar contra a circuncisão e lhe cumpria dar ampla satisfação de seus atos.

Com profunda admiração dos companheiros, o ex-rabino mantinha-se calado, recebendo as objurgatórias e repreensões com imprevista serenidade.

Por fim, Cainan fez a proposta a que Tiago se referira na véspera. A fim de satisfazer a exigencia do Sinhedrio, o tecelão de Tarso deveria purificar-se no Templo, com quatro judeus paupérrimos que haviam feito voto de nazireus, ficando o Apóstolo dos gentios obrigado a custear todas as despesas.

Os amigos de Paulo surpreenderam-se, ainda mais, quando o viram levantar-se na assembléa preconceituosa e confessar-se pronto a atender a intimação.

O representante dos anciãos discorreu ainda, pedante e demoradamente sôbre os preceitos da raça, ouvido por Paulo com beatifica paciencia.

Regressando á casa de Mnason, o ex-rabino procurou informar aos companheiros as razões da sua attitude. Habitados a acatar-lhe as decisões confiadamente, dispensaram-se de perguntas quicá supérfluas, mas, desejavam acompanhar o Apóstolo ao Templo de Jerusalém, para experimentarem alguma cousa da sua renúncia sincera, com relação ao futuro do evangelismo. Paulo frisou a conveniencia de seguir só, mas Trófimo que ainda se demorava alguns dias em Jerusalém, antes de regressar a Antioquia, insistiu e conseguiu que o Apóstolo lhe aceitasse a companhia.

O comparecimento de Paulo de Tarso no Templo, acompanhando quatro irmãos de raça em mísero estado de pobreza, a fim de com eles purificar-se e pagar-lhes as despesas do voto, causou enorme sensação em todos os círculos do farisaismo. Acenderam-se discussões violentas e rudes. Assim que viu o ex-rabino humilhado,

o Sinhédrrio pretendia impôr sentenças novas. Já não lhe bastavam as imposições anteriores. No segundo dia da santificação, o movimento popular crescera no Templo em proporções assustadoras. Todos queriam ver o célebre doutor que enlouquecera ás portas de Damasco, devido ao sortilégio dos galileus. Paulo observava a efervescencia do cenario em tôrno da sua personalidade e pedia a Jesus não lhe faltasse com as energias suficientes. No terceiro dia, á falta de outro pretexto para condenação maior, alguns doutores alegaram que Paulo tinha o atrevimento de se fazer acompanhar aos lugares sagrados por um homem de origem grega, estranho ás tradições israelitas. Tróximo nascera em Antioquia, de pais gregos, tendo vivido muitos anos em Efeso; entretanto, a-pesar-do sangue que lhe corria nas veias, conhecia os preceitos do judaismo e portava-se nos recintos consagrados ao culto, com inexcedível respeito. As autoridades, contudo, não quizeram ponderar semelhanças particularidades. Era preciso condenar Paulo de Tarso, novamente, haviam de faze-lo a qualquer preço.

O ex-rabino percebeu a trama que se delineava e rogou ao discípulo não mais o acompanhasse ao monte Moria, onde se processavam os serviços religiosos. O odio farisáico, porém, continuava a fermentar.

Na véspera do último dia da purificação judáica, o convertido de Damasco compareceu ás cerimoniaes com a mesma humildade. Logo, porém, que se colocou em posição de orar ao lado dos companheiros, alguns exaltados o cercaram com expressões e atitudes ameaçadoras.

— Morte ao desertor!... Pedras á traição! — gritou uma voz estentórica, abalando o recinto.

Paulo teve a impressão de que esses brados eram a senha de maiores violencias, porque, immediatamente estourou uma gritaria infernal. Alguns judeus fremen-tes agarraram-no pela góla da túnica, outros travaram-lhe os braços, violentamente, arrastando-o para o grande páteo reservado aos movimentos do grande público.

— Pagarás teu crime!... — diziam uns.

— E' necessário que morra! Israel se envergonha

de tua presença no mundo! — bradavam outros mais furiosos.

O Apóstolo dos gentios entregou-se sem a mínima resistencia. Num relance, considerou os objetivos profundos de sua vinda a Jerusalém, concluindo que não fôra convocado tão só para a obrigação pueril de acompanhar ao Templo quatro irmãos de raça, desolados na sua indigencia. Cumprira-lhe afirmar, na cidade dos rabinos, a firmeza de suas convicções. Entendia, agora, a sutileza das circunstancias que o conduziam ao testemunho. Primeiramente, a reconciliação e o melhor conhecimento de um companheiro como Tiago, obedecendo a uma determinação que lhe parecera quasi infantil; em seguida, o grande ensejo de provar a fé e a consagração de sua alma a Jesus Cristo. Com enorme surpresa, tomado de profundas e dolorosas reminiscencias, notou que os israelitas exaltados deixavam-no á mercê da multidão furiosa, justamente no páteo onde Estevam havia sido apedrejado vinte anos atrás. Alguns populares desvairados arrebataram-no á força, prendendo-o ao tronco dos suplicios. Engolfado nas suas lembranças, o grande Apóstolo mal sentia os bofetões que lhe applicavam. Prestes arregimentou as mais singulares reflexões. Em Jerusalém o Mestre Divino padecera os martírios mais dolorosos; ali mesmo, o generoso Jeziél se imolara por amor ao Evangelho, sob os golpes e chufas da populaça. Sentiu-se então envergonhado pelo supplicio infligido ao irmão de Abigail, oriundo de suas proprias iniciativas. Somente agora, atado ao poste do sacrificio, compreendia a extensão do sofrimento que o fanatismo e a ignorancia causavam ao mundo. E refletiu: — O Mestre é o Salvador dos homens e aqui padeceu pela redenção das criaturas. Estevam era seu discípulo, devotado e amoroso, e aqui experimentou, igualmente, os suplicios da morte. Jesus era o Filho de Deus, Jeziél era seu apóstolo. E ele? Não estava ali o passado a reclamar resgates dolorosos? Não seria justo padecer muito, pelo muito que martirizara os outros? Era razoavel que sentisse alegria naqueles instantes amargos, não só por tomar a cruz e seguir o Mestre

bem amado, como por ter tido o ensejo de sofrer o que Jeziél havia experimentado com grande amargura.

Essas reflexões proporcionavam-lhe algum consólo. A consciência sentia-se mais leve. Ia dar testemunho da fé, em Jerusalém, quando se encontrasse com o irmão de Abigail; depois da morte, podia aproximar-se do seu coração generoso, falando-lhe com júbilo dos seus próprios sacrifícios. Pedir-lhe-ia perdão e exaltaria a bondade de Deus, que o conduzira ao mesmo lugar, para os resgates justos. Alongando o olhar, entreviu a pequena porta de acesso ao pequeno aposento onde estivera com a noiva amada e seu irmão, prestes a desprender-se do mundo nas agonias extremas. Parecia ouvir ainda as derradeiras palavras de Estevam misturadas de bondade e perdão.

Mal não saíra de suas reminiscências, quando a primeira pedrada o despertou para escutar o vozerio do povo.

O grande pátio estava repleto de israelitas sa-nhudos. Objurgatorias sarcásticas cortavam os ares. O espetáculo era o mesmo do dia em que Estevam partira da Terra. Os mesmos impropérios, as fisionomias escarninhas dos verdugos, a mesma frieza implacável dos carrascos do fanatismo. O proprio Paulo não se furtava á admiração, ao constatar as coincidências singulares. As primeiras pedras acertaram-lhe no peito e nos braços, ferindo-o com violencia.

— Esta será em nome da sinagoga dos Cilícios! — dizia um jóvem, em côro de gargalhadas.

A pedra passou sibilando e dilacerou, pela primeira vez, o rosto do apóstolo. Um filete de sangue começou a ensopar-lhe as vestiduras. Nem um minuto, porém, deixou de encarar os carrascos com a sua desconcertante serenidade.

Trófimo e Lucas, entretanto, cientes da gravidade da situação, desde os primeiros instantes, através de um amigo que presenciara a cena inicial do suplicio, procuraram immediatamente o socorro das autoridades romanas. Receosos de novas complicações, não declinaram as verdadeiras condições do convertido de Damas-

co. Alegavam, apenas, tratar-se de um homem que não devia padecer nas mãos dos israelitas fanaticos e inconcientes.

Um tribuno militar organizou incontinentemente um troço de soldados. Deixando a fortaleza, penetraram no amplo átrio, com animo decisivo. A massa delirava num turbilhão de alterações e gritarias ensurdecedoras. Dois centuriões, obedecendo ás ordens do comando avançaram, resolutos, desatando o prisioneiro e arrebatando-o á multidão que o disputava ansiosa.

— Abaixo o inimigo do povo!... E' um criminoso! E' malfeitor! Estraçalhemos o ladrão!...

Pairavam no ar as exclamações mais estranhas. Não encontrando rabinos de responsabilidade para os esclarecimentos imprescindíveis, o tribuno romano mandou que o acusado fôsse algemado. O militar estava convencido de que se tratava de perigoso malfeitor que, de ha muito, se transformara em terrível pesadelo dos habitantes da provincia. Não encontrava outra explicação para justificar tanto ódio.

O peito contuso, ferido no rosto e nos braços, o Apóstolo seguiu para a Torre Antonia, escoltado pelos prepostos de Cesar, enquanto a multidão encaudava o pequeno cortejo, bradando sem cessar: — Morra! Morra!

Iam penetrar o primeiro pátio da grande fortaleza romana quando Paulo, compreendendo afinal que não fôra a Jerusalém tão só para acompanhar quatro nazireus paupérrimos ao monte Moria e sim para dar um testemunho mais eloquente do Evangelho, interrogou o tribuno com humildade:

— Permitis, porventura, que vos diga alguma cousa?

Percebendo-lhe as maneiras distintas, a nobre inflexão de sua palavra em grego puro, o chefe da coôrte replicou muito admirado:

— Não és tú o bandido egípcio que, ha algum tempo, organizou a malta de ladrões que devastam estas paragens?

— Não sou ladrão — respondeu Paulo, parecendo uma figura estranha, em vista do sangue que lhe cobria

o rosto e a túnica singela — sou cidadão de Tarso e rogo-vos permissão para falar ao povo.

O militar romano ficou boquiaberto com tamanha distinção de gestos e não teve outro recurso senão ceder, embora hesitante.

Sentindo-se num dos seus grandes momentos de testemunho, Paulo de Tarso subiu alguns degraus da escadaria enorme e começou a falar em hebraico, impressionando a multidão com a profunda serenidade e elegância do discurso. Começou explicando suas primeiras lutas, seus remorsos por haver perseguido os discípulos do Mestre Divino; historiou a viagem a Damasco, a infinita bondade de Jesus que lhe permitira a visão gloriosa, dirigindo-lhe palavras de advertência e perdão. Rico das reminiscências de Estevam, falou do erro que havia cometido em consentir na sua morte.

Ouvindo-lhe a palavra cinzelada de misteriosa beleza, Claudio Lísias, tribuno romano que efetuara a prisão, experimentou sensações indefiníveis. Por sua vez, havia recebido certos benefícios daquele Cristo incompreendido a que se referia o orador em circunstâncias tão amargas. Tomado de escrúpulos, mandou chamar o tribuno Zelphos, de origem egípcia, que adquirira certos títulos romanos, pela expressão de sua enorme fortuna e solicitou:

— Amigo — disse com voz quasi imperceptível — não desejo tomar aqui certas decisões, relativamente ao caso deste homem. A multidão está exaltada e é possível que se verifiquem acontecimentos muito graves. Desejaria tua cooperação imediata.

— Sem dúvida — respondeu o outro resolutivo.

E enquanto Lísias procurava examinar, de modo minucioso, a figura do apóstolo, que falava de maneira impressionante, Zelphos desdobrava-se em providências oportunas. Reforçou a guarnição dos soldados, iniciou a formatura de um cordão de isolamento, buscando resguardar o orador de um ataque imprevisto.

Paulo de Tarso, depois de circunstanciado relatório de sua conversão, começou a falar da grandeza do Cris-

to, das promessas do Evangelho, e quando se detinha a comentar suas relações com o mundo espiritual, de onde recebia as mensagens confortantes do Mestre, a massa inconciente, furiosa, se agita em ansias mesquinhas. Grande número de israelitas despia o manto, arrojando poeira no ar, num impulso característico de ignorância e maldade. O momento era gravíssimo. Os mais exaltados tentaram romper o cordão dos guardas para trucidar o prisioneiro. A ação de Zelphos foi rápida. Mandou recolher o apóstolo ao interior da Torre Antonia. E enquanto Claudio Lísias se recolhia á residência, a-fim-de meditar um pouco na sublimidade dos conceitos ouvidos, o companheiro de milícia tomou providências enérgicas para dispersar a multidão. Não eram poucos os que teimavam em vociferar na via pública, mas o chefe militar mandou afastar os recalcitrantes á pata de cavalo.

Conduzido a uma cela húmida, Paulo sentiu que os soldados o tratavam com a maior desconsideração. As feridas doíam-lhe penosamente. Tinha as pernas doloridas e trôpegas. A túnica estava empapada de sangue. Os guardas impiedosos e ironicos amarraram-no a grossa coluna, conferindo-lhe o tratamento destinado aos criminosos comuns. O apóstolo sentindo-se exausto e febril, chegou á conclusão de que não lhe seria facil resistir á nova provação de martírio. Refletiu que não era justo entregar-se de todo ás disposições perversas dos soldados que o guardavam. Lembrou que o Mestre se imolara na cruz, sem resistir á crueldade das criaturas, mas também afirmou que o Pai não deseja a morte do pecador. Não podia alimentar a presunção de entregar-se como Jesus, porque somente Ele possuía bastante amor para constituir-se Enviado do Todo-Poderoso; e como se reconhecia pecador convertido ao Evangelho, era justo o desejo de trabalhar até o último dia de suas possibilidades na Terra, em favor dos irmãos em humanidade e em beneficio da propria iluminação espiritual. Recordou a prudência que Pedro e Tiago sempre testemunharam para que as tarefas a eles confiadas não sofressem prejuizos injustificáveis e,

verificando as suas escassas probabilidades de resistência física, naquela hora inesquecível, gritou aos soldados:

— Prendestes-me á columna reservada aos criminosos, quando não podeis imputar-me falta alguma!... Vejo, agora, que preparais açoites para a flagelação, quando já me encontro banhado em sangue no suplício imposto pela turba inconciente...

Um dos guardas, um tanto ironico, procurou cortar-lhe a palavra e sentenciou:

— Ora esta!... Não sois um apóstolo do Cristo? Consta que teu Mestre morreu na cruz caladinho, e, por fim, ainda pediu perdão para os algozes, alegando que ignoravam o que faziam.

Os companheiros do engraçado começaram em gargalhadas estrídulas. Paulo de Tarso, entretanto, evidenciando toda a nobreza do coração no fulgor do olhar, replicou sem hesitação:

— Sim, rodeado pelo povo ignorante e inconciente, no dia do Calvário, Jesus pediu a Deus perdoasse as trevas de espírito em que se submergia a multidão que lhe levantara o madeiro de ignomínia; mas os agentes do governo imperial não podem ser a turba que desconhece os proprios atos. Os soldados de Cesar devem saber o que fazem, porque se ignorais as leis, para cuja execução recebeis sôlido, seria mais justo abandonardes o posto.

Os guardas ficaram imoveis, tomados de assombro.

Paulo, entretanto, continuou em voz firme:

— Quanto a mim, pergunto-vos: — Será lícito açoitardes um cidadão romano, antes de condenado?

O centurião que presidia os serviços da flagelação suspendeu os primeiros dispositivos. Zelphos foi chamado com espanto. Ciente do ocorrido, o tribuno interrogou o apóstolo, sumamente admirado:

— Dize-me. E's de fato romano?

— Sim.

Ante a firmeza da resposta, Zelphos achou razoavel modificar o tratamento do prisioneiro. Receoso de complicações, ordenou que o ex-rabino fôsse retirado do pelourinho, permitindo-lhe ficar á vontade no acanhado

âmbito da céla. Somente aí, Paulo de Tarso conseguiu algum repouso num leito duro, recebendo uma bilha de água trazida com mais respeito e consideração. Saciou a sede intensa e dormiu, a-pesar-das feridas sangrentas e dolorosas.

Zelphos, contudo, não estava tranquilo. Desconhecia, por completo, a condição do acusado. Temendo complicações prejudiciais para a sua posição, aliás invejavel do ponto de vista político, procurou avistar-se com o tribuno Claudio Lísias. Esclarecendo o motivo de sua preocupação, o outro murmurou:

— Isso me surpreende, porque a mim afirmou que era judeu, natural de Tarso da Cilícia.

Zelphos explicou, então, que tinha dificuldade para seguir sua causa, concluindo:

— Em face de tuas observações, ele parece-me antes um mentiroso vulgar.

— Isso não — exclamou Lísias — naturalmente possuirá títulos de cidadania do Império e agiu, por motivos que não estamos habilitados a apreciar.

Percebendo que o amigo se irritara intimamente com as suas primeiras alegações, Zelphos apressou-se a corrigir:

— Teus conceitos são justos.

— Tenho de emiti-los em consciencia — acrescentou Lísias bem inspirado — porque esse homem, desconhecido para nós ambos, falou de problemas muito sérios.

Zelphos pensou um instante e ponderou:

— Considerando tudo isso, proponho seja apresentado amanhã, ao Sinhédrio. Julgo que somente assim poderemos encontrar uma fórmula capaz de resolver o assunto.

Claudio Lísias recebeu o alvitre com displicencia. No íntimo, sentia-se mais propenso a patrocinar a defesa do Apóstolo. Sua palavra, inflamada de fé, impressionara-o vivamente. Em breves, rapidos momentos de meditação, analisou todos os lances pró e contra uma atuação dessa natureza. Subtrair o acusado á perseguição dos mais exaltados era uma ação justa; mas disputar com o Sinhédrio era uma atitude que reclamava

mais prudência. Conhecia os judeus, muito de perto, e, por mais de uma vez, experimentara o grau de suas paixões e caprichos. Compreendendo, igualmente, que não deveria despertar qualquer suspeita do colega, com relação às suas crenças religiosas, fez um gesto afirmativo e declarou:

— Concordo com o alvitre. Amanhã entrega-emos aos juizes competentes em materia de fé. Poderás deixar isso a meu cargo, porque o prisioneiro será acompanhado de escolta que o garanta contra qualquer violencia.

Assim aconteceu. Na manhã seguinte o mais alto tribunal dos israelitas foi notificado pelo tribuno Claudio Lísias de que o prégador do Evangelho compareceria perante os juizes para os interrogatórios necessários, ás primeiras horas da tarde. As autoridades do Sinhedrio experimentaram enorme regosijo. Iam, enfim, rever o desertor da Lei, face á face. A noticia foi espalhada com invulgar rapidez.

Paulo, por sua vez, na solidão do cárcere, sentiu-se felicitado com uma grande surpresa, naquela manhã de sombrias perspectivas. E' que, com permissão do tribuno, uma velha senhora e seu filho, ainda jóvem, penetravam na céla a-fim-de visita-lo.

Era sua irmã Dalila com o sobrinho Estefanio, que conseguiram, depois de muito esforço, permissão para uma entrevista ligeira. O Apóstolo abraçou a nobre senhora, com lágrimas de emoção. A irmã estava alquebrada, envelhecida. O jóvem Estefanio tomou as mãos do tio e beijou-as com veneração e ternura.

Dalila comentou as saudades longas, recordou episodios familiares com a poesia do coração feminino e o ex-doutor de Jerusalém recebia todas as noticias, boas e más, com imperturbavel serenidade, como se procedessem de um mundo muito diferente do seu. Buscou, entretanto, confortar a irmã, que, a uma reminiscencia mais dolorosa, se desfazia em prantos. Paulo historiou sucintamente as suas viagens, lutas, obstáculos dos caminhos palmilhados por amor de Jesus. A veneravel senhora, embora alheia ás verdades do Cristianismo,

muito delicadamente não quis tocar nos assuntos religiosos, detendo-se nos motivos afetuozos de sua visita fraternal e chorando copiosamente ao despedir-se. Não podia compreender a resignação do Apóstolo, nem apreciava devidamente a sua renúncia. Lastimava-lhe, intimamente, a sorte e, no fundo, tal como a maioria dos compatriotas, desdenhava aquele Jesus que não oferecia aos seus discípulos senão cruces e sofrimentos.

Paulo de Tarso, todavia, experimentara grande conforto com a sua presença; sobretudo, a intelligencia e a vivacidade de Estefanio, na ligeira palestra mantida, proporcionavam-lhe enormes esperanças no futuro espirital do sobrinho.

Ainda repassava na mente essa grata impressão quando numerosa escolta se postava junto á céla, para acompanhá-lo ao Sinhedrio, no momento oportuno.

Logo após do meio dia, compareceu á barra do tribunal e percebeu, de pronto, que o cenáculo dos grandes doutores de Jerusalém vivia um dos seus grandes dias, assistido por compacta massa popular. Sua presença provocara uma aluvião de comentários. Todos queriam ver, conhecer o transfuga da Lei, o doutor que repudiara e deprimira os títulos sagrados. Sobremaneira comovido, o Apóstolo lembrou ainda uma vez a figura de Estevam. Competia-lhe agora, dar igualmente o testemunho do Evangelho de verdade e redenção. A agitação do Sinhedrio dava-lhe a mesma tonalidade dos tempos ali vividos. Ali, precisamente, infligira as mais duras humilhações ao irmão de Abigail e aos prosélitos de Jesus. Era justo, portanto, esperar, agora, acerbos, remissores sofrimentos. Depois, para cúmulo de amargura, a singular coincidência: o sumo sacerdote que presidia o feito chamava-se também Ananias! Acaso? Ironia do destino?

Tal como se verificou com Jeziél, lido o libelo acusatorio, deram a palavra ao apóstolo para defender-se, em atenção ás prerrogativas de nascimento.

Paulo entrou a justificar-se, sumamente respeitoso. Risos abafados, não raro quebravam o silencio ambiente,

a indiciarem a termometria sarcasticamente hostil do auditorio.

Quando a sua altiloquente oratória começou a impressionar pela fidelidade do testemunho cristão, o sumo sacerdote lhe impôs silencio e vociferou enfático:

— Um filho de Israel, ainda que portador de títulos romanos, quando desrespeite as tradições desta casa com afirmativas injuriosas á memória dos profetas, torna-se passível de severas reprimendas. O acusado parece ignorar o dever de explicar-se convenientemente, para tresvariar em conceitos sibilinos, proprios da sua desregrada e criminosa obsessão pelo carpinteiro revolucionário de Nazaré! Minha autoridade não permite abusos nos lugares santos. Determino, pois, que Paulo de Tarso seja ferido na bôca, em desafronta aos seus termos insultuosos.

O Apóstolo endereçou-lhe um olhar de serenidade indizível e replicou:

— Sacerdote, vigiai o coração para não incidirdes em repressões injustas. Os homens como vós, são como as paredes branqueadas dos sepulcros, mas não deveis ignorar que tambem sereis ferido pela justiça de Deus. Conheço de sobra as leis de que vos tornastes executor. Se aqui permanecéis para julgar, como e por que mandais ferir?

Antes, contudo, que pudesse prosseguir, um pequeno grupo de prepostos de Ananias avançou com açoites minúsculos, ferindo-o nos lábios.

— Ousas injuriar o sumo sacerdote? — exclamavam congestos de cólera. — Pagarás os insultos!...

As lambadas riscavam o rosto rugoso e venerando do ex-rabino, sob aplausos gerais. Vozes ironicas elevavam-se, incessantes do seio da turba refece. Uns pediam mais rigor, outros, estentóricos, reclamavam o apedrejamento. A serenidade do Apóstolo dava pleno testemunho e mais acirrava os animos impulsivos e criminosos. Destacaram-se certos grupos de israelitas mais soezes e, cooperando com os verdugos, cuspinharam-lhe o rosto. Generalizou-se o tumulto. Paulo tentou falar,

explicar-se mais detalhadamente, mas a confusão era tal que nada se ouvia e ninguém já se entendia.

O sumo sacerdote permitira a desordem deliberadamente. Os elementos principais do Sinhedrio desejavam exterminar o ex-doutor a qualquer preço. O tribunal só se prestara ao julgamento de entremez, porque havia percebido o interêsse pessoal de Claudio Lísias pelo prisioneiro. Não fôra isso, Paulo de Tarso teria sido assassinado em Jerusalém, para satisfazer aos sentimentos odiosos dos inimigos gratuitos da sua abençoada tarefa apostólica. Solicitado pelo tribuno, presente á reunião memoravel, Ananias conseguiu restabelecer a calma no ambiente. Depois de apelos desesperados, a assembléa emudeceu, espectante.

Paulo tinha o rosto a sangrar, a túnica em franjalhos; mas, com surpresa e pasmo gerais, revelava no olhar, ao contrário de outros tempos, em circunstancias dessa natureza, grande tranquilidade fraternal, dando a entender que comprehendia e perdoava os agravos da ignorancia.

Supondo-se em posição vantajosa, o sumo sacerdote acentuou em tom arrogante:

— Devias morrer como teu Mestre, numa cruz desprezível! Desertor das tradições sagradas da patria e blasfemo criminoso, não te bastam por justo castigo os sofrimentos que começas a experimentar entre os legítimos filhos de Israel!...

O Apóstolo, no entanto, longe de acovardar-se, replicou tranquillamente:

— Juizo apressado o vosso... Não mereço a cruz do Redentor, porque a sua auréola é gloriosa demais para mim; entretanto, os martirios todos do mundo seriam justos, applicados ao pecador, que sou. Temeis os sofrimentos porque não conheceis a vida eterna; considerais as provações como quem nada vê além destes efêmeros dias da existencia humana. A política mesquinha vos distanciou o Espírito das visões sagradas dos profetas!... Os cristãos, sabe-o, conhecem outra vida espiritual, suas esperanças não repousam em triumphos mendazes que vão apodrecer com o corpo no sepul-

cro! A vida não é isto que vemos na banalidade de todos os dias terrestres; é antes afirmação de imortalidade gloriosa com Jesus Cristo!

A palavra do orador parecia magnetizar, agora, a assembléa em péso. O proprio Ananias, não obstante a cólera surda, sentia-se incapaz de qualquer reação, como se algo de misterioso o compelissem a ouvir até o fim. Imperturbavel em sua serenidade, Paulo de Tarso prosseguiu:

— Continuai a ferir-me! Escarrai-me na face! Açoi-tai-me! Esse martirologio me exalta para uma esperança superior, porque já criei no meu intimo um santuario intangivel ás vossas mãos e onde Jesus ha de reinar para sempre!...

— Que desejais — continuou em voz firme — com as vossas arruaças e perseguições? A-final, onde o motivo para tantas lutas estéreis e destruidoras? Os cristãos trabalham, como o fez Moisés, para a crença em Deus e em nossa gloriosa ressurreição. E' inutil dividir, fermentar a discórdia, tentar empanar a verdade com as ilusões do mundo. O Evangelho de Cristo é o só que ilumina as tradições e os fatos da antiga Lei!...

Nesse interim, não obstante a estupefação de muitos, estabeleceu-se nova balburdia. Os saduceus attiraram-se contra os fariseus, com gestos e apóstrofes delirantes. Em vão, o sumo sacerdote procurava acalmar os animos. Um grupo mais exaltado tentava aproximar-se do ex-rabino, disposto a estrangula-lo.

Foi aí que Claudio Lísias apelando para os soldados, fez-se ouvir na assembléa, ameaçando os contendores. Surpreendidos com o fato insólito, porquanto os romanos jamais procuravam intervir em assuntos religiosos da raça, os trêfegos israelitas submetteram-se imediatamente. O tribuno dirigiu-se, então, a Ananias e reclamou o encerramento dos trabalhos, declarando que o prisioneiro voltaria ao cárcere da Torre Antonia, até que os judeus resolvessem ventilar o caso com mais critério e serenidade.

As autoridades do Sinhedrio não disfarsaram seu enorme espanto; mas, como o governador da provincia

continuava em Cesaréia, não seria razoavel desatender ao seu preposto em Jerusalém.

Antes que se verificassem novos tumultos, Ananias declarou que o julgamento de Paulo de Tarso, consoante a ordem recebida, prosseguiria na proxima sessão do tribunal, a realizar-se daí a três dias.

Os guardas retiraram o prisioneiro, com grande cautela, enquanto os israelitas mais eminentes buscavam conter os protestos isolados dos que acusavam Claudio Lísias de parcial e simpatizante do novo credo.

Reconduzido á cela silenciosa, Paulo pôde respirar e refazer o ânimo para enfrentar a situação.

Experimentando justa simpatia por aquele homem valoroso e sincero, o tribuno tomou novas providencias a seu favor. O ex-doutor da Lei estava mais satisfeito e aliviado. Teve um guarda para atende-lo em qualquer necessidade, recebeu agua em abundancia, remédio, alimentos e a visita dos amigos mais intimos. Essas mostras de apreço muito o comoviam. Espiritualmente, sentia-se até mais confortado; doía-lhe porém o corpo ferido, e fisicamente estava exausto... Depois de palestrar, alguns minutos, conforme a permissão recebida, com Lucas e Timóteo, sentiu que certas preocupações dolorosas lhe amarguravam o coração. Seria justo pensar numa viagem á Roma, quando seu estado fisico era assim precario? Resistiria por muito tempo ás tremendas perseguições iniciadas em Jerusalém? Contudo, as vozes do mundo superior haviam-lhe prometido essa viagem á capital do Império... Não deveria duvidar das promessas feitas em nome do Cristo. Certa fadiga aliada a grande amargura, começava a infirmar-lhe as esperanças sempre ativas. Mas caíndo numa especie de modorra, percebeu, como de outras vezes, que uma viva claridade inundava o cubiculo, ao mesmo tempo que suavissima voz lhe sussurrava:

— Regosija-te pelas dores que resgatam e iluminam a consciencia! Ainda que os sofrimentos se multipliquem, renova os júbilos divinos da esperança!... Guarda o teu bom ânimo, porque assim como testificaste de

mim, em Jerusalém, importa que o faça também em Roma!...

De pronto sentiu que novas forças lhe retemperavam o combalido organismo.

A claridade da manhã surpreendeu-o quasi bem disposto. Nas primeiras horas do dia, Estefanio procurava-o com certa ansiedade. Recebido com afetuoso interesse, o rapaz informou o tio dos graves projetos que se tramavam na sombra. Os judeus haviam jurado exterminar o convertido de Damasco, ainda que para isso houvessem de assassinar o proprio Claudio Lísias. O ambiente no Sinhedrio era de atividades odiosas. Projetava-se matar o prégador da gentildade, á plena luz do dia, na proxima sessão do Tribunal. Mais de quarenta comparsas, dos mais fanáticos, haviam prometido, solenemente, a consecução do sinistro desígnio. Paulo tudo ouviu e calmamente chamando o guarda, disse-lhe:

— Peço-te conduzir este moço á presença do chefe dos tribunos para que o oiça sôbre um assunto urgente.

Assim, Estefanio foi levado a Claudio Lísias, apresentando-lhe a denúncia. O arguto e nobre patricio, com o tacto político que lhe caracterizava as decisões, prometeu examinar devidamente a questão, sem deixar presumir a adoção de providencias definitivas para burlar a conjura. Agradecendo a comunicação, recomendou ao jôvem o máximo cuidado nos comentários da situação, a-fim-de não exacerbar maiormente os animos partidarios.

Na solidão do seu gabinete, o tribuno romano pensou sériamente naquelas perspectivas sombrias. O Sinhedrio, na sua capacidade de intrigar, poderia promover manifestações do povo sempre versatil e agressivo. Rabinos apaixonados podiam mobilizar facinoras e quiçá assassina-lo em condições espetaculares. Mas, a denúncia partiu de um jôvem, quasi criança. Além disso, tratava-se de um sobrinho do prisioneiro. Teria dito a verdade ou seria mero instrumento de possível mistificação afetiva, nascida de justas preocupações da família? Ainda bem não conseguira destrinçar as dúvidas para

firmar conduta, quando alguém pedia o obséquo de uma entrevista. Desejoso de atregar cogitações assim graves, acedeu prontamente. Abriu-se a porta luxuosa e um velhinho de semblante calmo apareceu sorridente. Claudio Lísias alegrou-se. Conhecia-o de perto. Devia-lhe favores. O visitante inesperado era Tiago, que vinha interpôr sua generosa influencia em favor do grande amigo de suas edificações evangélicas. O filho de Alfeu repetiu o plano já denunciado por Estefanio, minutos antes. E foi mais longe. Contou a história comovedora de Paulo de Tarso, revelando-se como testemunha imparcial de toda sua vida e esclarecendo que o Apóstolo viera á cidade, por insistencia de sua parte, a-fim-de combinarem momentosas providencias atinentes á propaganda. Concluia a exposição atenciosa pedindo ao amigo illustre medidas eficazes, para evitar o monstruoso atentado.

Maiormente apreensivo agora, o tribuno ponderou:

— Vossas considerações são justas; entretanto, sinto dificuldades para coordenar providencias imediatas. Não será melhor aguardar que os fatos se apresentem e reagir, então, á força com a força?

Tiago esboçou um sorriso de dúvida e sentenciou:

— Sou de parecer que vossa autoridade encontre recursos urgentes. Conheço as paixões judaicas e o furor de suas manifestações. Nunca poderei esquecer o odioso fermento dos fariseus, no dia do Calvário. Se receio pela sorte de Paulo, temo igualmente por vós mesmo. A multidão de Jerusalém é criminosa muitas vezes.

Lísias franziu a testa e refletiu largo tempo. Mas arrancando-o de sua indecisão, o velho galileu apresentou-lhe a idéia de transferir o prisioneiro para Cesaréia, tendo em vista um julgamento mais justo. A medida teria a virtude de subtrair o Apóstolo ao ambiente irritado de Jerusalém, faria abortar de início o plano de homicídio; além disso, o tribuno permaneceria a salvo de suspeitas injustas, mantendo integras as tradições de respeito em tôrno do seu nome, por parte dos judeus malevolentes e ingratos. O feito seria

conhecido apenas dos mais íntimos e o patrício designaria uma escolta de soldados corajosos para acompanhar o prisioneiro, devendo sair de Jerusalém depois da meia-noite.

Claudio Lísias considerou a excelência das sugestões e prometeu pô-las em execução nessa mesma noite.

Logo que Tiago se despediu, o romano chamou dois auxiliares de confiança e deu as primeiras ordens para a formação da escolta forte de cento e trinta soldados, duzentos arqueiros e setenta cavaleiros, sob cuja proteção Paulo de Tarso haveria de comparecer perante o governador Félix, no grande porto palestinese. Os prepostos, atendendo às instruções recebidas, reservaram para o prisioneiro uma das melhores montarias.

Alta noite, Paulo de Tarso foi chamado com grande surpresa. Claudio Lísias explicou-lhe, em poucas palavras, o objetivo de sua decisão e a extensa caravana partiu em silêncio, rumo à Cesaréia.

Dado o caráter secreto das providências tomadas, a viagem correu sem incidentes dignos de menção. Apenas, muitas horas depois, partiam da Torre Antonia os respectivos informes, convencendo-se os judeus, com grande desapontamento, da inutilidade de quaisquer represalias.

Em Cesaréia o governador recebeu a expedição com espanto enorme. Conhecia o renome de Paulo e não era estranho às lutas que sustentava com os irmãos de raça; mas aquela caravana de quatrocentos homens armados para proteger um preso, era de causar admiração.

Depois do primeiro interrogatório, o preposto máximo do Império, na provincia, sentenciou:

— Atento à origem judaica do acusado, nada posso julgar sem ouvir o órgão competente, de Jerusalém.

E mandou que o Sinhedrio se fizesse representar na sede do Governo, com a maior urgência.

Os israelitas estavam sumamente satisfeitos com a ordem.

Conseqüentemente, cinco dias depois da remoção

do Apóstolo, o próprio Ananias fizera questão de chefiar o conjunto de autoridades do Sinhedrio e do Templo, que acorreram a Cesaréia com os projetos mais estranhos, relativamente à situação do adversário. Os velhos rabinos, conhecendo o poder da lógica e a formosura da palavra do ex-doutor de Tarso, fizeram-se acompanhar de Tértulo, uma das mais notáveis mentalidades que cooperavam no colendo sodalício.

Improvizado o tribunal para decidir o feito, o orador do Sinhedrio teve a prioridade da palavra, usando-a em tremendas acusações contra o indiciado réu, desenhando a cores negras todas as atividades do Cristianismo, e terminando por pedir ao governador a entrega do acusado aos seus irmãos de raça, a-fim-de ser por eles devidamente julgado.

Concedido ao ex-rabino o ensejo de explicar-se, Paulo começou a falar com grande serenidade. Félix lhe constatou logo os elevados dotes intelectuais, os primores dialéticos e ouvia-lhe a argumentação com invulgar interesse. Os anciãos de Jerusalém não sabiam ocultar a própria ira. Se possível, teriam espostejado o Apóstolo ali mesmo, tal a irritação que os assomava, a contrastar com a tranquilidade transparente da oratória e da pessoa do orador adverso.

O governador teve grande embaraço para pronunciar o "verdictum". De um lado, via os anciãos de Israel em atitude quasi colérica, reclamando direitos de raça; do outro, contemplava o Apóstolo do Evangelho, calmo, imperturbável, senhor espiritual do assunto, a esclarecer todos os pontos obscuros do processo singular, com a sua palavra elegante e refletida.

Reconhecendo o extremo valor daquele homem franzino e envelhecido, cujos cabelos pareciam encanecidos por dolorosas e sagradas experiências, o governador Félix modificou, apressadamente, suas primeiras impressões e encerrou os trabalhos nestes termos:

— Senhores, reconheço que o processo é mais grave do que julguei à primeira vista. Neste caso, resolvo adiar a sentença definitiva, até que o tribuno Claudio Lísias seja convenientemente ouvido.

Os anciãos morderam os lábios. Debalde, o sumo sacerdote solicitou a continuação dos trabalhos. O mandatário de Roma não modificou o ponto de vista e a grande assembléa dissolveu-se, com imenso pesar dos israelitas constrangidos a regressar, extremamente desapontados.

Felix, entretanto, passou a considerar o prisioneiro com maior deferência. No dia seguinte, foi visita-lo, concedendo-lhe permissão para receber os amigos na sala do expediente. Deprendendo que Paulo gozava de grande prestígio entre e perante todos os seguidores da doutrina do profeta Nazareno, imaginou, desde logo, tirar algum proveito da situação. Cada vez que o visitava, surpreendia-lhe maior acuidade mental, a interessa-lo, pela sua palestra viva e palpitante de observações sábias, no conceito e na experiencia da vida.

Certo dia, o governador abordou jeitosamente o prisma dos interesses pessoais, insinuando-lhe a vantagem da sua libertação, de maneira a atender ás aspirações da comunidade cristã, a que emprestava tanto relêvo.

Paulo, porém, observou resolutivo:

— Não sou tanto de vossa opinião. Sempre considerei que a primeira virtude do cristão é estar pronto para obedecer á vontade de Deus, em qualquer parte. Certo, não estou detido á revelia de sua assistencia e proteção, e desta forma acredito que Jesus julga melhor conservar-me prisioneiro, nos dias que correm. Servi-Lo-ei, pois, como se estivesse em plena liberdade de corpo.

— Entretanto — continuou Felix, sem coragem para ferir directamente o ponto — vossa independencia não seria cousa muito difficil...

— Como assim?

— Não tendes amigos ricos e influentes em todos os recantos provinciais? — interrogou o preposto governamental, de maneira ambigua.

— Que desejais dizer com isso? — perguntou o Apóstolo por sua vez.

— Creio que se conseguissemos o dinheiro suficiente

para atender aos interesses pessoais de quantos hajam de funcionar no processo, estariéis completamente livre da ação da justiça, dentro em poucos dias.

Paulo compreendeu as insinuações mal veladas e nobremente revidou:

— Percebo agora. Falais de uma justiça condicionada ao capricho criminoso dos homens. Essa justiça não me interessa. Ser-me-á preferível conhecer a morte no cárcere, a servir de obstáculo á redenção espiritual do mais humilde dos funcionários de Cesaréa. Dar-lhes dinheiro em troca de uma independencia ilícita, seria habitua-los ao apêgo dos bens que lhes não pertencem. Minha actividade seria, então, um esforço reconhecidamente perverso. Além do mais, quando temos a conciencia pura, ninguem pode tolher-nos a liberdade e eu me sinto aqui, tão livre como lá fóra, na praça pública.

O governador recebeu a observação franca e áspera, disfarçando o seu enleio. A lição humilhava-o duramente e, desde então, desinteressou-se da causa. Já havia, porém, comentado, entre os amigos mais intimos, a privilegiada intelligencia do prisioneiro de Cesaréa e daí a dias, sua jóvem espósa Drusilia manifestava-lhe o desejo de conhecer e ouvir o apóstolo. A seu mau grado, não podendo esquivar-se, acabou por leva-la á presença do ex-rabino.

Judia de origem, Drusilia não se contentou, qual fizera o marido, com simples indagações superficiais. Desejosa de sondar-lhe as idéias mais profundas, pediu-lhe um comentário geral da nova doutrina que esposara e procurava difundir.

Perante destacadas figuras da cõrte provincial, o valoroso apóstolo dos gentios fez brilhante panegirico do Evangelho, ressaltando a inolvidavel exemplificação do Cristo e os deveres do proselitismo que repontava de todos os recantos do mundo. A maioria dos ouvintes escutava-o com evidentes mostras de interesse; mas, quando ele começou a falar da ressurreição e dos deveres do homem á face das responsabilidades no mundo espiritual, o governador fez-se pálido e interrompeu a prégação.

— Por enquanto basta! — disse com autoridade. Meus familiares poderão ouvir-vos, de outra feita, se lhes aprouver, pois quanto a mim não creio na existência de Deus.

Paulo de Tarso recebeu a observação com serenidade e respondeu com benevolência:

— Agradeço a delicadeza da vossa declaração e todavia, senhor governador, ousou encarecer-vos a necessidade de ponderar o assunto, porque, quando um homem afirma não aceitar a paternidade do Todo-Poderoso, é que, em regra, se arreceia do julgamento de Deus.

Felix lançou-lhe um olhar raivoso e retirou-se com os seus prometendo a si proprio deixar o prisioneiro entregue á sua sorte.

A' vista disso, embora respeitado pela franqueza e lealdade, Paulo houve de amargar dois anos de reclusão em Cesaréia, tempo esse aproveitado em relações constantes com as suas igrejas bem amadas. Inumeraveis mensageiros iam e vinham, trazendo consultas e levando pareceres e instruções.

A esse tempo, o ex-doutor de Jerusalém chamou a atenção de Lucas para o velho projeto de escrever uma biografia de Jesus, valendo-se das informações de Maria; lamentou não poder ir a Efeso, incumbindo-o desse trabalho, que reputava de capital importancia para os adeptos do Cristianismo. O médico amigo satisfez-lhe integralmente o desejo, legando á posteridade o precioso relato da vida do Mestre, rico de luzes e esperanças divinas. Terminadas as anotações evangélicas, o espirito dinamico do apóstolo da gentilidade encareceu a necessidade de um trabalho que fixasse as atividades apóstolicas logo após a partida do Cristo, para que o mundo conhecesse as gloriosas revelações do Pentecostes, e assim se originou o magnifico relatório de Lucas, que é — Atos dos Apóstolos.

Não obstante a condição de prisioneiro, o convertido de Damasco não relaxou o trabalho um só dia, valendo-se de todos os recursos ao seu alcance, em favor da difusão da Boa Nova.

O tempo corria célere. Os israelitas, no entanto, nunca desistiram do primitivo plano de eliminar o valoroso campeão das verdades do Céu. O governador foi abordado, várias vezes, sôbre a oportunidade de reenviar o encarcerado a Jerusalém; entretanto, ao lembrar-se de Paulo, a conciencia lhe vacilava. Além do que por si mesmo observara, ouvira o tribuno Claudio Lísias que lhe falara do ex-rabino com indifarsavel respeito. Mais por medo dos poderes sobrenaturais atribuidos ao Apóstolo, que por dedicação aos seus deveres de administrador, resistiu a todas as inventivas dos judeus, mantendo-se firme no proposito de custodiar o acusado, até que surgisse o ensejo de um julgamento mais ponderado.

Dois anos de prisão contava a folha corrida do grande amigo dos gentios. Uma ordem imperial transferira Felix para a administração de outra provincia. Sem esquecer a mágua que a franqueza de Paulo lhe causara, fez questão de o abandonar á propria sorte.

O novo governador, Porcius Festo, chegou á Cesaréia em meio de ruidosas manifestações populares. Jerusalém não queria esquivar-se ás homenagens politicas e, tão logo assumira o poder, o illustre patricio foi visitar a grande cidade dos rabinos. O Sinhédrio aproveitou o ensejo para requisitar, instantemente, o velho inimigo de tantos anos. Um grupo de doutores da lei antiga buscou avistar-se, cerimoniosamente, com o generoso romano, solicitando a restituição do prisioneiro para julgamento do tribunal religioso. Festo recebeu a comissão, cavalheirescamente, e mostrou-se inclinado a atender, mas, prudente por indole e por dever do cargo, declarou que preferia solucionar a questão em Cesaréia, onde se lhe facultava conhecer o assunto com os detalhes imprescindíveis. Para esse fim, convidava os rabinos a acompanhá-lo no seu regresso. Os israelitas exultaram de contentamento. Espalharam-se os mais sinistros projetos, para a recepção do Apóstolo em Jerusalém.

O governador ali ficou dez dias, mas, antes que regressasse, alguém se encaminhava a Cesaréia, de co-

ração oprimido e ansioso. Era Lucas, que, esforçado e solícito, propunha-se informar o prisioneiro de todas as singulares ocorrências. Paulo de Tarso ouvia-o com atenção e serenidade; mas quando o companheiro passou a relatar os planos do Sinhedrio, o amigo do gentilismo fez-se pálido. Estava definitivamente assentado que o transfuga seria crucificado, como o Divino Mestre, no mesmo local da Caveira. Havia preparativos para encenar fielmente o drama do Calvario. O acusado carregaria a cruz até lá, arrostando os sarcasmos da população e havia até quem falasse no sacrifício de dois ladrões, para que se repetissem todos os detalhes característicos do martírio do Carpinteiro.

Poucas vezes o Apóstolo manifestara tamanha impressão de espanto. Por fim, acrimonioso e energico, exclamou:

— Tenho experimentado açoites, apedrejamentos e insultos por toda parte, mas, de todas as perseguições e provações esta é a mais absurda...

O proprio médico não sabia como interpretar esse conceito, quando o ex-rabino prosseguiu:

— Temos de evitar isso, por todos os meios ao nosso alcance. Como encarar essa deliberação extravagante de repetir a cena do Calvário? Qual o discípulo que teria a coragem de submeter-se a essa falsa paródia com a idéia mesquinha de atingir o plano do Mestre, no testemunho aos homens? O Sinhedrio está enganado. Ninguém no mundo logrará um Calvário igual ao de Cristo. Sabemos que em Roma os cristãos começam a morrer no sacrifício, tomados á conta de escravos miseráveis. Os poderes perversos do mundo desencandeiam a tempestade de ignomínias sobre a frente dos seguidores do Evangelho. Se eu tiver de testificar de Jesus, fa-lo-ei em Roma. Saberei morrer junto dos companheiros, como um homem comum e pecador; mas não me submeterei ao papel de falso imitador do Messias prometido. Destarte, já que o processo vai ser novamente debatido pelo novo governador, apelarei para Cesar.

O médico fez um gesto de assombro. Como a maioria dos cristãos eminentes de todas as épocas, Lucas

não conseguia compreender aquele gesto, interpretado, á primeira vista, como negativa do testemunho.

— Entretanto — objetou com certa hesitação — Jesus não recorreu para as altas autoridades no sacrifício da cruz, e eu receio que os discípulos não saibam interpretar vossa atitude, como convem.

— Discordo de tí — respondeu Paulo, resolutamente — se as comunidades cristãs não puderem compreender minha resolução, prefiro passar a seus olhos como pedante e desatento, nesta hora singular de minha vida. Sou pecador e devo desprezar o elogio dos homens. Se me condenarem, não estarão em erro. Sou imperfeito e preciso testemunhar nessa condição verdadeira de minha vida. De outro modo seria perturbar minha consciência, provocando um falso apreço humano.

Muito impressionado, Lucas guardou a lição inesquecível.

Três dias depois dessa entrevista, o governador regressava á séde do Governo Provincial, acompanhado de numeroso séquito de israelitas dispostos a conseguir a entrega do famoso prisioneiro.

Porcius Festo, com a serenidade que lhe marcava as atitudes políticas, procurou conhecer imediatamente a situação. Reviu o processo meticulosamente, inteirando-se dos títulos de cidadania romana do acusado, de acôrdo com a legislação em vigor. E notando a insistência dos rabinos que denotavam enorme ansiedade pela solução do assunto, convocou uma reunião para novo exame das declarações do acusado, no intuito de satisfazer a política regional de Jerusalém.

O convertido de Damasco, alquebrado de corpo mas sempre revigorado de espírito, compareceu á assembléa sob os olhares rancorosos dos irmãos de raça, que pleitavam sua remoção a todo custo. O tribunal de Cesaréia atraía grande multidão, ansiosa de conhecer o novo julgamento. Discutiam os israelitas, os cristãos comentavam os debates em atitude defensiva. Mais de uma vez, Porcius Festo foi obrigado a levantar a voz, reclamando atenção e silencio.

Abertos os trabalhos da assembléa singular, o go-

vernador interrogou o acusado, com energia cheia de nobreza.

Paulo de Tarso, entretanto, respondeu a todas as arguições com a serenidade que lhe era peculiar. Não obstante a manifesta animosidade dos judeus, declarou que em nada os havia ofendido e não se recordava de qualquer ato de sua vida, no qual houvesse atacado o Templo de Jerusalém ou as leis de Cesar.

Festo percebeu que tratava com um espirito culto e eminente, e que não seria tão facil entrega-lo ao Sinhedrio, conforme julgara no primeiro momento. Alguns rabinos haviam insistido para que ordenasse a remoção para Jerusalém, pura e simplesmente, á revelia de preceitos legais, quaisquer. O governador não hesitaria, nesse particular, fazendo valer sua influencia política; mas, não quis praticar um ato arbitrário antes de conhecer as qualidades morais do homem focalizado pelas intrigas judaicas. No intimo, considerava que, se se tratasse de um personagem vulgar, poderia entrega-lo sem receio á autoridade tiranica do Sinhedrio, que o liquidaria, certo; mas, outro tanto não aconteceria, caso verificasse nobreza e intelligencia no prisioneiro, porquanto, com o seu apurado senso politico, não desejava adquirir um inimigo capaz de prejudica-lo a qualquer tempo. Tendo reconhecido os altos dotes intellectuais e morais do Apóstolo, modificou inteiramente a sua attitude. Passou logo a considerar com mais severidade o interlocutor, chegando á conclusão de que seria crime agir com parcialidade no feito. Além da cultura que o acusado exhibia, tratava-se de um cidadão romano por títulos legitimamente adquiridos. Formulando novas conjecturas e com imensa surpresa para os representantes confiados do Sinhedrio, Porcius Festo perguntou ao prisioneiro se consentia em voltar a Jerusalém, a-fim-de lá ser julgado, perante ele proprio, pelo tribunal religioso da sua raça. Paulo de Tarso, compreendendo a cilada dos israelitas replicou tranquilamente, enchendo a assembléa de assombro:

— Senhor governador, estou diante do tribunal de Cesar, a-fim-de ser definitivamente julgado. Ha mais

de dois anos espero a decisão de um processo que não posso compreender. Como sabeis, a ninguém ofendi. Minha prisão derivou, tão só, das intrigas religiosas de Jerusalém. Desafio, neste particular, o conceito dos mais exigentes. Se pratiquei algum ato indigno, peço, eu mesmo, a sentença de morte. Convocado a novo julgamento, acreditei tivesseis a coragem necessaria para romper com as asprações inferiores do Sinhedrio, fazendo justiça á vossa longanimidade de administrador consciencioso e réto. Continúo confiando na vossa autoridade, na vossa imparcialidade, extremes de favor, que ninguém poderá exigir dos vossos encargos honrosos e delicados. Examinaí detidamente as acusações que me retêm no cárcere de Cesaréa! Verificareis que nenhum poder provincial poderá entregar-me á tirania de Jerusalém! Reconhecendo essa valiosa circumstancia e invocando meus títulos, embora creia sinceramente em vossas deliberações sábias e justas, apéio, desde já para Cesar!...

A attitude inesperada do apóstolo dos gentios provocou geral espanto. Porcius Festo, muito pálido, engolfou-se em sérias cogitações. De sua cátedra de juiz, ensinara, generosamente, o caminho da vida a muitos acusados e malfetores; entretanto, naquella hora inolvidavel de sua existencia, encontrava um réu que lhe falava ao coração. A resposta de Paulo valia um programa de justiça e de ordem. Com imensa dificuldade pedia o restabelecimento da calma, no recinto. Os representantes do judaismo discutiam acaloradamente entre si; alguns cristãos, mais apressados, comentavam desfavoravelmente a attitude do Apóstolo, apreciando-a superficialmente, como se constituísse uma negação do testemunho. O governador reuniu, á pressa, o pequeno conselho dos rabinos mais influentes. Os doutores da lei antiga insistiram pela adoção de medidas mais energicas, no pressuposto de que Paulo se modificaria com algumas bastonadas. Entretanto, sem desprezar a oportunidade de mais uma prestigiosa lição para sua vida pública, o governador cerrou ouvidos ás intrigas de Jerusalém, afirmando que de modo algum podia tran-

sigir no cumprimento do dever, naquele significativo instante de sua vida. Desculpou-se, desapontado, com os velhos políticos do Sinhedrio e do Templo, que o fixaram com olhos rancorosos e pronunciou as célebres palavras:

— Apela para Cesar? Irás a Cesar!

Com essa antiga fórmula ficaram encerrados os trabalhos do novo julgamento. Os representantes do Sinhedrio retiraram-se extremamente irritados, exclamando um deles em voz alta, para o prisioneiro que recebeu o insulto serenamente:

— Só os desertores malditos apela para Cesar. Vai-te para os gentios, indigno intrusão!...

O Apóstolo fixou-o com benignidade, enquanto se preparava para voltar ao cárcere.

O governador, sem perder tempo, determinou se lavrasse a petição do réu, para prosseguimento do feito. No dia seguinte demorou-se a estudar o caso e sentiu-se presa de grande indecisão. Não podia enviar o acusado á capital do Império, sem justificar os motivos da prisão, por tanto tempo, nos cárceres de Cesaréia. Como proceder? Mas, decorridos alguns dias, Herodes Agripa e Berenice vinham saudar o novo governador, em visita cerimoniosa e imprevista. O preposto imperial não pôde dissimular as preocupações que o absorviam e depois das solenidades protocolares, devidas a hóspedes tão ilustres, contou a Agripa a história de Paulo de Tarso, cuja personalidade empolgava os mais indiferentes. O rei palestinese, que conhecia a fama do ex-rabino, manifestou desejo de observa-lo de perto, ao que Festo anuiu satisfeitissimo, não somente pela possibilidade de proporcionar um prazer ao hóspede generoso, como também por esperar das impressões do hóspede algo de util para ilustrar o processo do apóstolo, que lhe incumbia enviar para Roma.

Porcius deu a esse ato um carater festivo. Convidou as personalidades mais eminentes de Cesaréia, reunindo luzida assembléa em tórno do rei, no melhor e mais vasto auditório da Córte Provincial. Primeiramente, houve bailados e músicas. Em seguida, o con-

vertido de Damasco, devidamente escoltado, foi apresentado pelo proprio governador, em termos discretos mas cordiais e sinceros.

Herodes Agripa impressionou-se logo vivamente com a figura alquebrada e franzina do Apóstolo, cujos olhos serenos traduziam a energia inquebrantavel da sua raça. Curioso por conhece-lo melhor, mandou que se defendesse de viva voz.

Paulo compreendeu a profunda significação daquele minuto e passou a historiar os transe da sua existencia com grande erudição e sinceridade. O rei ouvia assombrado. O ex-rabino invocou a infancia, deteve-se nas reminiscencias da mocidade, explicou sua aversão aos seguidores do Cristo Jesus e, exuberante de inspiração, traçou o quadro do seu encontro com o Mestre redivivo, ás portas de Damasco, á viva luz do só. Em seguida, passou a enumerar os feitos da obra de gentildade, as perseguições sofridas em toda a parte por amor ao Evangelho, concluindo, com veemencia, que, sem embargo, suas prêgações não contrariavam, antes corroboravam as profecias da lei antiga, desde Moisés.

Dando curso á imaginação ardente e fácil, o orador tinha os olhos jubilosos e brilhantes. A assembléa aristocratica estava eminentemente impressionada com os fatos narrados, denotando entusiasmo e alegria. Herodes Agripa, muito pálido, tinha a impressão de haver encontrado uma das mais profundas vozes da revelação divina. Porcius Festo não ocultava a surpresa que lhe assaltara subitamente o Espirito. Não presumia no prisioneiro tamanho cabedal de fé e persuasão. Ouvindo o Apóstolo descrever as cenas mais belas do seu apostolado com os olhos repletos de alegria e de luz, transmitindo ao auditorio atento e comovido idéias imprevistas e singulares, o governador considerou que se trataria de um louco sublime e disse-lhe, em alta voz, na intercorrença de uma pausa mais prolongada:

— Paulo, és um desvairado! As muitas letras fazem-te delirar!...

O ex-rabino, longe de se atemorizar, respondeu nobremente:

— Enganai-vos! Não sou um louco! Diante da vossa autoridade de romano illustre, eu não me atreveria a falar desta maneira, pois reconheço que não estais devidamente preparado para ouvir-me. Os patrícios de Augusto são também de Jesus Cristo, mas ainda não conhecem plenamente o Salvador. A cada qual, devemos falar de acordo com sua capacidade espiritual. Aqui, porém, senhor governador, se falo com ousadia é porque me dirijo a um rei que não ignora o sentido de minhas palavras. Herodes Agripa terá ouvido Moisés, desde a infância. É romano pela cultura, mas alimentou-se da revelação de Deus aos seus antepassados. Nenhuma de minhas afirmações lhe pode ser desconhecida. De outro modo, ele traíria sua origem sagrada, pois todos os filhos da nação que aceitou o Deus único devem conhecer a revelação de Moisés e dos profetas. Crêdes assim, rei Agripa?

A resposta causou enorme espanto. O proprio administrador provincial não teria coragem de se dirigir ao rei com tamanha desenvoltura. O illustre descendente de Antipas estava altamente surpreendido. Extrema palidez cobria-lhe o semblante. Ninguém assim lhe falara, em toda a vida.

Percebendo-lhe a atitude mental, Paulo de Tarso completou a poderosa argumentação, acrescentando:

— Sei que credes!...

Confuso com o desembaraço do orador, Agripa sacudiu a fronte como se desejasse expulsar alguma idéia importuna, esboçou um sorriso vago, dando a entender que estava senhor de si, e disse em tom de gracejo:

— Ora esta! por pouco me persuades a fazer uma profissão de fé cristã...

O Apóstolo não se deu por vencido e revidou:

— Oxalá que, por pouco ou muito, vos fizesseis discípulo de Jesus; não somente vós, mas todos quantos nos ouviram hoje.

Porcius Festo compreendeu que o rei estava muito mais impressionado do que se supunha e, desejoso de modificar o ambiente, propôs que as altas personalidades se retirassem para a refeição da tarde, em palácio.

O ex-rabino foi reconduzido ao cárcere, deixando aos ouvintes inorredoura impressão. Berenice, sensibilizada, foi a primeira a manifestar-se reclamando clemencia para o prisioneiro. Os demais seguiram a mesma corrente de benévola simpatia. Herodes Agripa tentou uma fórmula digna para que o apóstolo fosse restituído á liberdade. O governador, porém, explicou que, conhecendo a fibra moral de Paulo, tomara a sério o seu recurso para Cesar, estando já pergaminhadas as primeiras instruções a respeito. Cioso das leis romanas, pôs embargos ao alvitre, embora pedisse o socorro intelectual do rei para a carta de justificação, com que o acusado deveria apresentar-se á autoridade competente, na capital do Império. Desejoso de conservar sua tranquillidade politica, o descendente dos Herodes não aventou qualquer nova sugestão, lamentando apenas que o prisioneiro já houvesse recorrido em derradeira instancia. Procurou, então, cooperar na redação do documento, mostrando-se contrário ao prégador do Evangelho tão só pela circumstancia de haver suscitado muitas lutas religiosas na camada popular, em desacôrdo com a unidade de fé colimada pelo Sinhédrio, como baluarte defensivo das tradições do judaismo. Para isso, o proprio rei assinara como testemunha, emprestando maior importancia ás alegações do preposto imperial. Porcius Festo registou o auxilio, extremamente satisfeito. Estava resolvido o problema e Paulo de Tarso poderia partir com a primeira leva de sentenciados, para Roma.

Escusado dizer que recebeu a noticia com serenidade. Depois de um entendimento com Lucas, mandou que a igreja de Jerusalém fôsse avisada, bem como a de Sidon, onde o navio, certo haveria de receber carga e passageiros. Todos os amigos de Cesaréia foram mobilizados no serviço das comovedoras mensagens que o ex-rabino dirigiu ás amadas igrejas, menos Timóteo, Lucas e Aristarco, que se propunham acompanhá-lo á capital do Império.

Os dias correram, céleres, até que chegou o momento em que o centurião Julio com a sua escolta foi buscar os prisioneiros para a viagem tormentosa.

O centurião tinha plenos poderes para determinar todas as providencias e logo evidenciando simpatia pelo Apóstolo, ordenou fôsse ele conduzido á embarcação desalugado, em contraste com os demais prisioneiros.

O tecelão de Tarso, apoiado ao braço de Lucas, reviu, placidamente a t'ela clara e barulhenta das ruas, afagando a esperança de uma vida mais alta, em que os homens pudessem gozar fraternidade em nome do Senhor Jesus. Seu coração mergulhava em reflexões doces e preces ardentes, quando foi surpreendido com a compacta multidão que se premia e agitava na extensa praça a beira-mar.

Filas de velhos, de j'ovens e crianças, aglomeraram-se junto dele, a poucos metros da praia. A' frente, Tiago alquebrado e velhinho, vindo de Jerusalém com grande sacrificio, por trazer-lhe o ósculo fraternal. O ardente defensor da gentilidade não conseguiu dominar a emoção. Bandos de crianças atiraram-lhe flores. O filho de Alfeu reconhecendo a nobreza daquele Espírito heroico, tomou-lhe a destra e beijou-a com efusão. Ali estava com todos os cristãos de Jerusalém, em condições de fazer a viagem. Ali estavam confrades de Joppe, de Lida, de Antipatris, de todos os quadrantes provinciais. As crianças da gentilidade uniam-se aos pequeninos judeus, que saudavam carinhosamente o Apóstolo prisioneiro. Velhos aleijados aproximavam-se, respeitosos e exclamavam:

— Não deverieis partir!...

Mulheres humildes agradeciam os beneficios recebidos de suas mãos. Doentes curados comentavam a colonia de trabalho que ele sugerira e ajudara a fundar na igreja de Jerusalém e proclamavam sua gratidão em altas vozes. Os gentios convertidos ao Evangelho, beijavam-lhe as mãos, murmurando:

— Quem nos ensinará, doravante, a sermos filhos do Altíssimo?

Meninos amorosos apegavam-se-lhe á túnica, sob os olhares de mães estarecidas.

Todos lhe pediam que ficasse, que não partisse,

que voltasse breve para os serviços abençoados de Jesus.

Subitamente, recordou a velha cena da prisão de Pedro, quando, arvorado em verdugo dos discípulos do Evangelho, visitara a igreja de Jerusalém, chefiando uma expedição punitiva. Aqueles carinhos do povo lhe falavam brandamente á alma. Significavam que já não era o algoz implacavel que, até então, não pudera compreender a misericórdia divina; traduziam a quitação do seu debito com a alma do povo. De conciencia um tanto aliviada, recordou-se de Abigail e começou a chorar. Sentia-se, ali, como no seio dos "filhos do Calvário" que o abraçavam, reconhecidos. Aqueles men-digos, aqueles aleijados, aquelas criancinhas eram a sua familia. Naquele inesquecível minuto da vida, sentia-se plenamente identificado no ritmo da harmonia universal. Brisas suaves de mundos diferentes balsamizavam-lhe a alma, como se houvesse atingido uma região divina, depois de vencer grande batalha. Pela primeira vez, alguns pequeninos chamaram-no de "pai". Inclinou-se, com mais ternura, para as criancinhas que o rodeavam. Interpretava todos os episodios daquela hora inolvidavel como uma benção de Jesus que o ligava a todos os seres. A' sua frente, o oceano em calma assemelhava-se a um caminho infinito e promissor de misteriosas e inefaveis belezas.

Julio, o centurião da guarda, aproximou-se comovido e falou com brandura:

— Infelizmente, chegou o momento de partir.

E, testemunha das manifestações tributadas ao apóstolo, tambem ele tinha os olhos húmidos. Muitos réus se lhe haviam já deparado naquelas circunstancias, e eram todos revoltados, desesperados, ou penitentes arrependidos. Aquele, porém, estava sereno e quasi feliz. Jubilo indizível lhe transbordava dos olhos brilhantes. Além disso, sabia que aquele homem dedicado ao bem de todas as criaturas, não cometera falta alguma. Por isso mesmo, conservou-se ao seu lado, como querendo compartilhar dos transportes afetuozos do povo, como a demonstrar a consideração que lhe merecia.

O Apóstolo dos gentios abraçou os amigos pela última vez. Todos choravam discretamente, á maneira dos sinceros discípulos de Jesus, que não pranteiam sem consólio. As mães ajoelhavam-se com os filhinhos na areia alva, os velhos, apoiando-se a rudes cajados, com imenso esforço. Todos os que abraçavam o campeão do Evangelho, punham-se de joelhos, rogando ao Senhor que abençoasse o seu novo roteiro.

Concluindo as despedidas, Paulo acentuava com serenidade heróica:

— Choremos de alegria, irmãos! Não ha maior glória neste mundo que a de estar o homem a caminho de Cristo Jesus!... O Mestre foi ao encontro do Pai, através dos martírios da Cruz! Abençoemos nossa cruz de cada dia. E' preciso trazeremos as marcas do Senhor Jesus! Não acredito possa voltar aqui, com este alquebrado corpo de minhas lutas materiais. Espero que o Senhor me conceda o derradeiro testemunho em Roma; entretanto, estarei convosco pelo coração; voltarei ás nossas igrejas em Espirito; cooperarei no vosso esforço nos dias mais amargos. A morte não nos separará, tal como não separou o Senhor da comunidade dos discípulos. Nunca estaremos distantes uns dos outros e, por isso mesmo, prometeu Jesus que estaria ao nosso lado até o fim dos séculos!...

Julio ouviu a exortação, comovidamente. Lucas e Aristarco soluçavam baixinho.

A seguir, o Apóstolo tomou o braço do médico amigo e, seguido de perto pelo centurião, caminhou resolute e sereno em demanda do barco.

Centenas de pessoas acompanharam as manobras da largada em santificado recolhimento regado de lágrimas e preces. Enquanto o navio se afastava lento, Paulo e os companheiros contemplavam Cesaréia, de olhos humedecidos. A multidão silenciosa dos que ficavam em pranto acenava e ondeava na praia que a distancia aos poucos diluía. Jubiloso e reconhecido, Paulo de Tarso descansava o olhar no campo de suas lutas acerbas, meditando nos longos anos de viltas e reparações necessárias. Recordava a infancia, os primeiros

sonhos da juventude, as inquietações da mocidade, os serviços dignificantes de Cristo, sentindo que deixava a Palestina para sempre. Grandiosos pensamentos o empolgavam quando Lucas se aproximou e, apontando á distancia os amigos que continuavam genuflexos, exclamou brandamente:

— Poucos fatos me comoveram tanto no mundo, como este! Registarei nas minhas anotações como fostes amado por quantos receberam o beneficio de Jesus das vossas mãos fraternais!...

Paulo pareceu ponderar profundamente a advertencia e acentuou:

— Não, Lucas. Não escrevas sôbre virtudes que não tenho. Se me amas não debes expôr meu nome a falsos julgamentos. Deves falar, isso sim, das perseguições por mim movidas aos seguidores do santo Evangelho; do favor que o Mestre me dispensou ás portas de Damasco, para que os homens mais empedernidos não desesperem da salvação e aguardem a sua misericórdia no momento justo; citarás os combates que temos travado desde o primeiro instante, em face das imposições do farisaísmo e das hipocrisias do nosso tempo; comentarás os obstáculos vencidos, as humilhações dolorosas, as dificuldades sem conta, para que os futuros discípulos não esperem a redenção espiritual com o repouso falso do mundo, confiantes no favor incompreensível dos deuses e sim com trabalhos ásperos, com sacrificios abençoados pelo aperfeiçoamento de si mesmos; falarás de nossos recontros com os homens poderosos e cultos; de nossos serviços junto dos favorecidos da sorte, para que os seguidores do Evangelho, no futuro não se arreiem das situações mais difíceis e escabrosas, conscientes de que os mensageiros do Mestre os assistirão, sempre que se tornem instrumentos legítimos da fraternidade e do amor, ao longo dos caminhos que se desdobram á evolução da Humanidade.

E depois de longa pausa, em que observou a atenção com que Lucas lhe acompanhou os inspirados raciocínios, prosseguiu em tom sereno e firme:

— Cala sempre, porém, as considerações, os fa-

vores que tenhamos recolhido na tarefa, porque esse galardão só pertence a Jesus. Foi Ele quem removeu nossas misérias angustiosas, enchendo o nosso vácuo; foi sua mão que nos tomou caridosamente e nos conduziu ao caminho santo. Não me contaste tuas lutas amargurosas no passado distante? Não te contei como fui perverso e ignorante, em outros tempos? Assim como iluminou minhas veredas sombrias, ás portas de Damasco, levou-te ele á igreja de Antióquia, para que lhe ouvisses as verdades eternas. Por mais que tenhamos estudado, sentimos um abismo entre nós e a sabedoria eterna; por mais que tenhamos trabalhado, não nos encontramos dignos d'Aquele que nos assiste e guia desde o primeiro instante da vida. Nada possuímos de nós mesmos!... O Senhor enche o vácuo de nossa alma e opera o bem que não possuímos. Esses velhinhos tremulos que nos abraçaram em lágrimas, as crianças que nos beijaram com ternura, fizeram-no ao Cristo. Tiago e os companheiros não vieram de Jerusalém tão só para manifestar-nos sua fraternidade afetuosa; vieram trazer testemunhos de amor ao Mestre que nos reuniu na mesma vibração de solidariedade sacrossanta, embora não saibam traduzir o mecanismo oculto dessas emoções grandiosas e sublimes. No meio de tudo isso, Lucas, fomos apenas miseros servos que se aproveitaram dos bens do Senhor para pagar as próprias dividas. Ele nos deu a misericórdia para que a justiça se cumprisse. Esses júbilos e essas emoções divinas lhe pertencem... Não tenhamos, portanto, a mínima preocupação de relatar episódios que deixariam uma porta aberta para a vaidade incompreensível. Que nos baste a profunda convicção de havermos liquidado nossos débitos clamorosos...

Lucas ouviu admirado essas considerações oportunas e justas, sem saber definir a surpresa que lhe causavam.

— Tendes razão — disse finalmente — somos fracos demais para nos atribuímos qualquer valor.

— Além disso — acrescentou Paulo — a batalha do Cristo está começada. Toda vitória pertencerá ao

seu amor e não ao nosso esforço de servos endividados... Escreve, portanto, tuas anotações do modo mais simples e nada comentes que não seja para glorificação do Mestre no seu evangelho imortal!...

Enquanto Lucas procurava Aristarco para transmitir-lhe aquelas sugestões sábias e afetuosas, o ex-rabino continuou fitando o casario de Cesaréia, que se apagava agora no horizonte. A embarcação navegava suavemente, afastando-se da costa... Por longas horas, deixou-se ficar ali, meditando o passado que lhe surgia aos olhos espirituais, qual imenso crepúsculo. Mergulhado nas reminiscências entrecortadas de preces a Jesus, ali permaneceu em significativo silêncio, até que começaram a brilhar no firmamento muito azul os primeiros astros da noite.